

Médicos vão fiscalizar hemodiálise

21 JUN 1996

CORREIO BRASILEIRO

Ministério da Saúde rejeita relatório que apontaria irregularidades no tratamento feito pelo Hospital Regional de Sobradinho

A Comissão Regional de Nefrologia da Secretaria de Saúde vai inspecionar hoje, às 9h, a Unidade de Tratamento Dialítico do Hospital Regional de Sobradinho. A comissão, composta de três nefrologistas e um paciente, vai ser acrescida do presidente da Associação dos Renais de Brasília, Marinho Romário Valente.

Não tem fundamento as denúncias de que pacientes que fazem hemodiálise na unidade estariam correndo risco de vida. O Ministério da Saúde informou que o relatório no qual se baseou denúncia publicada ontem pelo jornal **O Globo** foi feito durante treinamento de auditores. Dois meses depois, em maio, nova auditoria comprovou que as irregularidades estavam sanadas. A única recomendação do Ministério é de que são necessárias reformas no prédio que abriga a unidade.

De acordo com a Assessoria de

Imprensa do Ministério da Saúde, o índice de mortes apresentado no relatório de treinamento, 57%, refere-se a todos os pacientes com doenças renais. O presidente da Comissão Regional de Nefrologia da Secretaria de Saúde, João Batista Teixeira, diz que morreram no ano passado 14 pacientes renais, o que corresponde a 22,2% de todos. A média de mortes em hemodiálise no Distrito Federal é de 17% ao ano.

SEM RESTRIÇÕES

Brasília parece ser o paraíso da hemodiálise no país, de acordo com dados apresentados pelo presidente da Comissão de Nefrologia. Essa comissão supervisiona o tratamento de doentes crônicos renais.

Mais da metade dos doentes renais da cidade é atendida em clínicas particulares. Cinco hospitais da rede privada e cinco da rede

pública têm centros de hemodiálise para atender 561 pacientes, conforme estatística do mês de maio passado. Desses, 268 (40%) estão em lista de espera para transplante de rim. A Secretaria de Saúde vangloria-se de fazer mais transplantes que a Europa Ocidental. São 38 para cada um milhão de habitantes/ano. A média brasileira é de 9 para cada um milhão de habitantes/ano.

Teixeira assegura ainda que em Brasília ninguém morre por falta de hemodiálise (filtragem do sangue). A oportunidade de entrada em diálise é de 127 novos pacientes por ano para cada 1 milhão de habitantes. A média nacional é de 50 a 70 novos pacientes. "Nossa média é superior à dos Estados Unidos e comparada à do Japão" explica.

A secretaria da Associação dos Renais de Brasília, Ana Maria Passos, 48 anos, oito de hemodiálise, quatro deles à espera de transplante, informa que nunca recebeu denúncias ou queixas de pacientes ou famílias de pacientes do Hospital Regional de Sobradinho.

Distorcido, tendencioso e exagerado. Dessa forma, o diretor da Re-

gional de Saúde de Sobradinho, Edvaldo Dias Carvalho, qualificou o relatório dos auditores do Ministério da Saúde sobre a Unidade de Tratamento Dialítico.

O relatório, feito há quatro meses, apontou diversas irregularidades no centro de hemodiálise. A mais grave delas foi a inexistência da chamada sala amarela. No jargão médico, essa sala seria um isolamento para os pacientes renais com hepatite.

Na época da vistoria, pacientes com hepatite dividiam a mesma sala com doentes renais não infectados pela doença.

Além disso, falta de higiene, instalações precárias, máquinas "obsoletas" e alta taxa de mortalidade também estavam entre as conclusões dos nove auditores responsáveis pelo relatório. "Concluímos pela absoluta improriedade do funcionamento da unidade nos moldes encontrados", aconselhou a auditoria.

"De fato, tínhamos alguns problemas que já foram solucionados. Mas o relatório tem termos exagerados. O serviço não está funcionando de forma precária", garante Edvaldo.

Desde março, a sala amarela está funcionando. Médicos e enfermeiros foram devidamente uniformizados. Das seis máquinas de hemodiálise, duas são consideradas novas, com dois anos de uso. As outras quatro foram adquiridas há mais de sete anos, mas apresentam bom funcionamento.

Uma das dificuldades ainda não solucionadas é a falta de um espaço físico definitivo para o centro de hemodiálise. Há oito anos — desde a sua criação — o tratamento dos doentes renais crônicos funciona na UTI do hospital.

A sala para diálise peritoneal intermitente (DPI) — método de filtragem do sangue durante 24 horas duas vezes por semana — é pequena demais mesmo para apenas cinco pacientes.

O aposentado João de Deus da Silva, 60 anos, descobriu que era um doente renal crônico há dois anos e oito meses. Há um ano, submete-se à hemodiálise no Hospital de Sobradinho.

"Nunca tive nenhum problema aqui. Medo? Nem posso ter. Preciso da hemodiálise. Se não fizer, morro do mesmo jeito", conforma-se João.